



## UM LUGAR AO SOL: A RACIONALIDADE NEOLIBERAL E A CONSTITUIÇÃO DE DISCURSOS SOBRE O TRABALHO EM COLEÇÕES DIDÁTICAS DE PROJETO DE VIDA DO NOVO ENSINO MÉDIO

A place in the sun: neoliberal rationality and the constitution of discourses about work in teaching collections on life projects in new high school

Un lugar al sol: la racionalidad neoliberal y la constitución de los discursos sobre el trabajo en las colecciones docentes sobre proyectos de vida en la nueva escuela secundaria

Edvânia Batista de Moraes<sup>1</sup>, Francisco Vieira da Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA

### RESUMO

O presente artigo debruça-se sobre coleções didáticas de Projeto de Vida, com a finalidade de investigar como os discursos sobre o trabalho, presentes nesses materiais didáticos, articulam-se com a racionalidade neoliberal, a qual permeia todo o processo de reconfiguração curricular pelo qual passou o ensino médio brasileiro nos últimos anos, notadamente no que se refere ao Novo Ensino Médio (NEM) e à Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC-EM). Para tanto, valeu-se dos estudos discursivos de Michel Foucault, com ênfase nos conceitos de discurso, enunciado e as reflexões sobre o neoliberalismo. O *corpus* é constituído por enunciados extraídos de três coleções didáticas de Projeto de Vida, aprovadas no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), edição de 2021. Optou-se por averiguar exemplares de Projeto de Vida que correspondessem ao manual do professor, no intuito de se construir um olhar mais crítico sobre os direcionamentos recomendados aos docentes. A partir da análise, foi possível constatar que a conexão entre o trabalho e o neoliberalismo ocorre por meio de regularidades discursivas relativas às instabilidades do mundo do trabalho e à necessidade de engendrar condutas juvenis flexíveis, autônomas e proativas, uma vez que defendem valores relativos à resiliência e à concorrência, termos fortemente atrelados ao campo empresarial e conectados com a BNCC-EM e com o NEM.

**Palavras-chave:** Análise de discurso; Trabalho e educação; Neoliberalismo; Ensino médio.

### ABSTRACT

The current research focuses on didactic collections of Life Project, with the aim of investigating how discourses about work, present in these educational materials, intersect with neoliberal rationality, which permeates the entire process of curriculum reconfiguration that Brazilian high school has undergone in recent years, particularly concerning the Novo Ensino Médio (NEM - a new reformulation of high school in Brazil) and the Base Nacional Comum Curricular (BNCC - set of guidelines for the Brazilian educational curriculum). To accomplish our objectives, the discursive studies of Michel Foucault were used, especially in

<sup>1</sup> Professora de língua portuguesa do quadro efetivo do município de Belém do Brejo do Cruz\_ PB na Escola MEF Ana Rita Trigueiro de Freitas e professora de língua portuguesa do quadro efetivo da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba. Mestra em Letras Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN – PPGL). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-2204-6029>. E-mail: [edvaniamorais45@gmail.com](mailto:edvaniamorais45@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação entre a a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>. E-mail: [francisco.vieiras@ufersa.edu.br](mailto:francisco.vieiras@ufersa.edu.br).

relation to discourse, statement, and his reflections on neoliberalism. The corpus consists of statements extracted from three Projeto de Vida didactic collections, which were approved in the Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD - Brazilian Textbook Program), 2021 edition. We decided to examine samples of textbook collection entitled Projto de Vida that corresponds to teacher's guide. We did this in order to construct a critical view about directions that are recommended to teachers Based on the analysis conducted, it was possible to observe that the connection between work and neoliberalism occurs through discursive regularities linked to the instabilities of the world of work and the need to generate flexible, autonomous, and proactive youth behaviors, as they advocate values related to resilience and competition, terms strongly linked to the business field and connected to BNCC-EM and NEM.

**Keywords:** Discourse analysis; Work; Neoliberalism; High school.

## RESUMEN

El presente artículo se centra en colecciones didácticas de Proyecto de Vida, con el fin de investigar cómo los discursos sobre el trabajo, presentes en esos materiales didácticos, se articulan con la racionalidad neoliberal, la cual se extiende en todo el proceso de reconfiguración curricular por el cual pasó la enseñanza media brasileña en los últimos años, especialmente en lo que se refiere a la nueva enseñanza secundaria y a la Base Nacional Común Curricular (BNCC) de la enseñanza media. Para ello, se valió de los estudios discursivos de Michel Foucault, con énfasis en los conceptos de discurso, enunciado y las reflexiones sobre el neoliberalismo. El corpus está constituido por enunciados extraídos de tres colecciones didácticas de Proyecto de Vida, aprobadas en el Programa Nacional del Libro y del Material Didáctico (PNLD), edición de 2021. Se optó por averiguar ejemplares de Proyecto de Vida que correspondieran al manual del profesor, en el intento de construirse una mirada más crítica sobre los direccionamientos recomendados a los docentes. A partir del análisis realizado, fue posible constatar que la conexión entre el trabajo y el neoliberalismo ocurre por medio de regularidades discursivas relativas a las inestabilidades del mundo del trabajo y la necesidad de ocasionar conductas juveniles flexibles, autónomas y proactivas, puesto que defienden valores relativos a la resiliencia y la competencia, términos fuertemente ligados al campo empresarial y conectados con BNCC de la enseñanza secundaria y con la nueva enseñanza media.

**Palabras clave:** Análisis de discurso; Trabajo; Neoliberalismo; Enseñanza secundaria.

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho, o Projeto de Vida, concebido como um desdobramento do Novo Ensino Médio (NEM), encontra condições de existência num contexto de reformas efetivadas em um rápido espaço de tempo no governo de Michel Temer (2016-2018), especialmente em relação às mudanças estruturais desencadeadas no âmbito do ensino médio brasileiro, as quais se relacionam diretamente com a reforma do ensino médio, conforme a Lei 13.415/2017 (Brasil, 2017), a qual foi promulgada de forma controversa sob a Medida Provisória (MP) 746/2016, de modo a alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9. 694/96, aumentando a carga horária do ensino médio de 800 horas para até 1.000 horas em 2024, o que integraliza um total de 3.000 horas ao final dessa etapa da educação básica.

Com isso, a estrutura curricular também sofreu mudanças nos segmentos de formação geral e nos chamados itinerários formativos, que são divididos por áreas do conhecimento (Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias; e Ciências Humanas Sociais e Aplicadas), como também pela formação técnica e profissional. Há, portanto, um novo desenho curricular, e nele as únicas disciplinas obrigatórias no decorrer dos três anos passam a ser Língua

Portuguesa e Matemática. Vemos, nessa reconfiguração curricular, que os domínios específicos das disciplinas são tangenciados, perdendo-se na amplitude das áreas.

De acordo com essas mudanças, a escola necessita ofertar ao menos dois dos itinerários formativos e os estudantes precisam realizar a “escolha” que mais se aproxime de seus objetivos. Tendo em vista a situação das instituições públicas de ensino brasileiras, que em sua maioria apresentam problemas estruturais, podemos prever que a tendência seja a de um ensino público cada vez mais fragilizado, fragmentado e superficial, sobretudo, levando em conta o fato de a formação geral ser reduzida e as dificuldades das escolas em oferecerem uma gama de possibilidades para as escolhas dos itinerários (Cássio; Goulart, 2022).

Nesse sentido, as propostas do NEM se encaminham no sentido de proporcionar um currículo flexível, a ser adaptado mediante as escolhas dos discentes quanto a definição de seus itinerários formativos. No intuito de facilitar essa decisão para o aluno, surge o Projeto de Vida, um componente transversal, que, mesmo não sendo definido como uma disciplina obrigatória, acabou sendo incluído na formulação dos currículos das redes estaduais, em razão das orientações constantes no Guia de Implementação do Novo Ensino Médio. No NEM, o Projeto de Vida dos estudantes torna-se obrigatório e deve ser desenvolvido em todas as escolas, com a finalidade de desenvolver certas habilidades como cooperação, compreensão, domínio da tecnologia, defender ideias, respeitar e saber analisar o mundo que o rodeia. Assim, uma das propostas do Projeto de Vida é oferecer essas experiências aos alunos dentro da escola, tendo o direcionamento dos professores, os quais devem apresentar as possibilidades existentes e ajudar nas dúvidas que surgirem, dando ênfase à autonomia dos discentes para decidirem sobre seus respectivos projetos de vida. “[...] Sugerimos que o ingresso do estudante no itinerário ocorra após um processo de orientação e apoio ao desenvolvimento de seu projeto de vida, assim como considere principalmente o desejo dos estudantes nos anos finais do Ensino Fundamental” (Brasil, 2019a, p. 57).

Tendo em vista a necessidade de tornar viável a execução do componente Projeto de Vida, o edital de convocação 03/2019 (Brasil, 2019b) do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), edição de 2021, procurou contemplar tal componente, para assim, ocorrer a escolha de coleções didáticas que precisam ser selecionadas pelos docentes da rede pública de ensino. As referidas coleções, em volume único, deveriam estar organizadas conforme a BNCC e, por isso, precisariam seguir três dimensões, a citar: a) o autoconhecimento - o encontro consigo; b) a expansão e exploração - o encontro com o mundo; c) e o planejamento - o encontro com o nós. Para atender a tais requisitos da base, as coleções também teriam que trazer abordagens acerca do mundo do trabalho, uma vez que os aspectos do trabalho se mostram relevantes no âmbito das discussões que circundam em torno da educação e juventude na atualidade. Questão que se confirma, ao analisarmos o Guia do PNLD 2021, referente ao Projeto de Vida, especificamente no seguinte trecho: “[...] as obras didáticas de Projeto de Vida abrem espaço para que os jovens pensem sobre como desejam continuar os estudos após o Ensino Médio e quais são as aspirações e oportunidades para o mundo do trabalho” (Brasil, 2021, não paginado).

Se nos voltarmos um pouco para a história recente da educação brasileira, traremos à tona o fato de que, desde a década de 1990, surgem reformas e políticas públicas consolidadas em interesses de setores da iniciativa privada. Assim, organismos internacionais como o Banco Mundial e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) propõem a formulação e a consecução de parâmetros de avaliação educacional e a formação de professores. Mais recentemente, podemos assinalar que os setores empresariais, por intermédio de fundações filantrópicas que têm forte ligação com grandes conglomerados e as chamadas *think thanks* (Azevedo, 2021; Macedo; Silva, 2022), atuaram tanto na formulação quanto na idealização e, agora, no processo de implantação do NEM e da BNCC (Venco, 2023; Queiroz; Azevedo, 2022). Portanto, para enfatizar, não é por acaso que o NEM difunde a ideia da “flexibilização curricular”, como um dos atrativos dessa reconfiguração do currículo.

Para adentrarmos nas discussões propostas por este artigo, o qual corresponde à parte da dissertação de mestrado, de nossa autoria, gostaríamos de tomar como princípio alguns aspectos acerca do trabalho contemporâneo, os quais se instauram num cenário atravessado pelos reflexos neoliberais. Nesse sentido, o neoliberalismo e o sistema financeiro constroem-se como um sistema único e global, suficientemente apto para alcançar e empobrecer as diversas formas de temporalidade e de sociabilidade nas distintas esferas e dimensões da vida. Com isso, o trabalho, tido como mediação fundamental do ser humano enquanto ser social no plano da sociedade mercantil, apresenta profundas mutações nos últimos tempos (Castro; Ferreira, 2022).

Para tratar do neoliberalismo, remetemo-nos às provocações iniciadas por Foucault (2022) ao longo de seu curso “O nascimento da biopolítica”, realizado no Collège de France em 1979, e publicado postumamente. Nas orientações ministradas no curso, Foucault (2022) objetiva discorrer sobre o liberalismo, compreendido como um elemento essencial para alicerçar uma reflexão sobre as artes de governar, por meio das quais houve a possibilidade de reconhecer a população como um problema de ordem política. Com esse intuito, na proposta genealógica desenvolvida por Foucault, em relação às mutações sofridas pelo liberalismo, o filósofo ancora-se nas especificidades do neoliberalismo, considerando as condições históricas nas quais foi possível redefinir aspectos importantes do liberalismo clássico, intencionando atualizá-las para assim conseguir atender a demandas mais específicas, como o exemplo da crítica atribuída às economias planificadas constituídas em vários Estados após a Segunda Guerra Mundial. Conforme a análise de Foucault (2022), podem ser estabelecidas duas divisões da governamentalidade neoliberal, a saber: o ordoliberalismo alemão; e o neoliberalismo norte-americano. É em relação a essa última que a racionalidade ganha prestígio no campo da financeirização do capitalismo e da globalização.

Nessa perspectiva, os ideais pregados pelo neoliberalismo concebem o mercado como um processo de autoformação do sujeito econômico, correspondendo a um processo de ordem subjetiva em que o indivíduo se torna autoeducador e autodisciplinador, aprendendo a se conduzir por si só. Assim, o processo de mercado permite a construção de seu próprio sujeito, ele é, portanto, autoconstrutivo (Dardot; Laval,

2016). Desse modo, segundo Resende (2018), trata-se de uma sociedade da aprendizagem, em que a educação se dispersa por todo o corpo social, de modo a incorporar nos sujeitos a estratégia de governo em que cada indivíduo se responsabiliza por uma formação infinita. Nisso, “[...] o aprendiz dessa sociedade [do conhecimento] é direcionado pela adesão à mudança contínua e a inovações contínuas, como marcadores do seu próprio projeto de vida” (Resende, 2018, p. 85).

O interesse pela escolha deste estudo se justifica em razão de ser um tema atual e que corresponde aos efeitos imediatos provocados pela proposta de reforma do NEM, ocorrida recentemente e que gerou muitas controvérsias e resistências e importa destacando que algumas mudanças a respeito dessa reforma se encontram em curso no atual governo Lula. Para tanto, partimos da seguinte questão de pesquisa: como os discursos sobre o trabalho presentes em livros didáticos de projeto de vida se articulam com a racionalidade neoliberal, tendo em vista a conjuntura da reforma do NEM?

Com vistas a respondê-la, estabelecemos como objetivo investigar como os discursos sobre o trabalho presentes em livros didáticos de Projeto de Vida articulam-se com a racionalidade neoliberal, a qual permeia todo o processo de reconfiguração curricular pelo qual passou o ensino médio brasileiro nos últimos anos, notadamente no que se refere ao NEM e à BNCC.

Os livros didáticos mencionados foram aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), edição de 2021 e são os seguintes: Caminhar e construir: projeto de vida, de autoria de André Meller e Eduardo Campos, publicada pela editora Saraiva; Jovem protagonista: projeto de vida, escrita por Gabriel Medina e Maria Clara Wasserman, publicada pela SM Edições e Projeto de vida: vivências e possibilidades, de autoria de Denise Guedes Condeixa e colaboradores, publicada pela editora Joantina.

Consideramos que as respectivas coleções estão em conformidade com o Edital de Convocação 03/2019 (Brasil, 2019b) e contemplam reflexões acerca do mundo do trabalho. Dessa forma, com a intenção de examinarmos com mais exatidão o *corpus*, escolhemos três dessas coleções e optamos por analisar exemplares de Projeto de Vida que correspondessem ao manual do professor, no intuito de construirmos um olhar mais crítico sobre os direcionamentos recomendados também aos docentes.

Para subsidiar as análises, baseamo-nos nos pressupostos teóricos de Michel Foucault acerca do discurso e noções adjacentes, bem como sobre o neoliberalismo e suas implicações nos mais diversos campos sociais, com ênfase no campo da educação. Nos tópicos seguintes, tratamo-nos de discutir tais apontamentos teóricos.

## **A ANÁLISE DO DISCURSO COM FOUCAULT: CONCEITOS BASILARES**

Foucault (2012), ao estudar o discurso na perspectiva arqueológica, preocupa-se em discutir sobre a problematização do discurso e de sua emergência na esfera da formação do conhecimento e das Ciências Humanas. A temática central no âmbito da Análise do Discurso de inspiração foucaultiana refere-se à formulação da noção de enunciado e discurso, ou de maneira mais específica, à constituição de ambos.

Considerando esse destaque teórico-metodológico dado pelo autor ao enunciado, entendemo-nos como a “unidade elementar do discurso” que, por meio de um conjunto de signos, expressa o jogo de relações de sua existência.

Chamaremos enunciado a modalidade de existência própria desse conjunto de signos: modalidade que lhe permite ser algo diferente de uma série de traços, algo diferente de uma sucessão de marcas em uma substância, algo diferente de um objeto qualquer fabricado por um ser humano; modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer jeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível (Foucault, 2012, p. 130).

É importante frisar que o discurso constitui um dos conceitos que atravessa todo o pensamento foucaultiano. Assim, o que seria, então, o discurso? Desde uma reflexão sobre os discursos médicos, da psiquiatria, econômicos e das Ciências Humanas, pode-se pensar que sua construção partiria de uma linha contínua, que representasse a concatenação de determinados objetos, modalidades enunciativas, conceitos e/ ou temáticas; porém, o que Foucault (2012) busca, nos estudos arqueológicos, é fugir das unidades e se embasar nas rupturas, passando a olhar a novidade dos acontecimentos ao invés de buscar por uma estrutura. Dessa forma, começamos por compreender que a análise discursiva nos moldes foucaultianos lida com o discurso enquanto uma prática (Foucault, 2012). E, com isso, ultrapassa o domínio da frase e da análise da língua, uma vez que o ato linguístico oral ou escrito não é suficiente para comportar o discurso, nem tampouco o enunciado.

Ao tratar sobre o surgimento dos enunciados, Foucault (2012) levanta algumas indagações, entre as quais, “[...] segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos?” (Foucault, 2012, p. 33). Como observamos, o autor alerta para as regras que permitem as condições de possibilidade de emergência de um enunciado em determinado momento. Além disso, também atenta para outros enunciados que poderiam aparecer em um determinado momento histórico.

Diante desse apontamento, entendemos que o discurso emerge sempre com um efeito de novidade, pois surge diante de determinadas condições históricas e é ainda concebido como série de acontecimentos discursivos e, sendo assim, o enunciado é compreendido nessa perspectiva como único, singular, irrepetível, encadeado mediante as regras que o produzem. Nisso, a materialidade do enunciado é um acontecimento, a realização de uma prática discursiva, um dizer realmente dito. Desse modo, o discurso constitui-se numa série de acontecimentos dispersos, nos quais são entornados objetos por meio das práticas que deles falam.

Para discorrer sobre o conceito de enunciado, Foucault (2012) discute sobre as regras que o fazem emergir, colocando em pauta um questionamento importante: “[...] como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (Foucault, 2012, p. 33). Assim, é possível entender que no momento em que determinados enunciados surgem outros tiveram que ser interditados. Nesse sentido,

compreendemos que o enunciado emerge em concordância com as regras que os produzem e, quando um discurso é proferido, outros estão sendo simultaneamente silenciados.

Consoante Foucault (2012), as características do enunciado e seu funcionamento são descritas a partir do entendimento de que é parte intrínseca na composição dos discursos, e isso nos leva a uma noção mais ampla, pois se trata do conceito de formação discursiva. Por formação discursiva compreende-se o conjunto de práticas para as quais se pode sugerir certa regularidade em meio à dispersão que envolve os enunciados nos campos discursivos. Para Foucault (2012), o sistema de formação discursiva que se configura no discurso não corresponde a uma superfície visível, nem se trata de algo oculto à espera de ser descoberto para, então, revelar uma verdade presa às camadas da realidade ideológica. O discurso apropria-se do dito e não com o não dito, como também, não se preocupa com semântica, pois o que importa é a possibilidade da emergência de um tipo específico de significação. Esse sistema, de forma regular, é sempre encontrado partindo da série dispersa de elementos que cada discurso carrega, e aqui não se trata de um encontro de elementos homogêneos, nem da descoberta de uma massa única e indiferenciável, senão do resultado do esforço em encontrar a regularidade nas diferenças, nos cortes, nas distâncias, nas fugas e nas exclusões.

Assim sendo, na obra foucaultiana o conceito de formação discursiva é essencial, uma vez que permite o entendimento de como se recortam determinados saberes, compreendendo como se estabelecem ordens e critérios e se definem positivities, que são marcadas por condições históricas específicas. Portanto, em relação ao objeto de estudo deste artigo, poderemos, através desse conceito, pensar como emergem regularidades discursivas acerca do trabalho no esteio da formação discursiva da racionalidade neoliberal.

## **AS RELAÇÕES ENTRE NEOLIBERALISMO, TRABALHO E EDUCAÇÃO: O PROJETO DE VIDA EM FOCO**

Ao pincelar uma genealogia das artes de governar, principiando pelo liberalismo clássico e prosseguindo com as reformulações mais modernas - o ordoliberalismo alemão e o neoliberalismo americano -, Foucault (2022) sinaliza que, por volta da metade do século XVIII, no contexto da Europa, mesmo que não pudesse empregar o termo liberalismo para retratar certas condutas do governo estatal na relação com a economia política, era possível entrever certas práticas que preconizavam princípios característicos do liberalismo. Uma vez que se via surgir em meados do século XVIII “[...] muito mais um naturalismo do que um liberalismo” (Foucault, 2022, p. 81). Porém, o termo é empregado “[...] na medida em que a liberdade está, mesmo assim, no cerne dessa prática ou dos problemas que são postos a essa prática” (Foucault, 2022, p. 81). Dessa forma, essa concepção não correspondia exatamente ao fato de respeitar e/ou garantir a liberdade, mas, sim, estaria vinculada à ideia de consumo, já que funcionava uma razão governamental pautada pelo apelo à liberdade em suas mais diferentes formas.

Nessa perspectiva, Foucault (2022), ao longo de seu percurso genealógico, diferencia o neoliberalismo do liberalismo clássico. A mais importante diferença se dá por um indisfarçável

deslocamento em relação ao que constitui o princípio do mercado, uma vez que, na doutrina clássica do liberalismo, o mercado movimenta-se pela troca e a ideia de liberdade, “a não intervenção de um terceiro, de uma autoridade qualquer, a fortiori da autoridade do estado, era aplicada evidentemente, para que o mercado fosse válido” (Foucault, 2022, p. 157). Nesse sentido, ao Estado cabia a missão de supervisionar o bom funcionamento do mercado, ou seja, “fazer de sorte que fosse respeitada a liberdade dos que trocam. O estado, portanto, não tinha de intervir no interior do mercado” (Foucault, 2022, p. 157). Aqui, no princípio da troca, a concorrência consiste num viés de cunho natural, do qual deriva a consequência política do *laissez-faire*, enquanto que no neoliberalismo o elemento fundamental para o mercado é a concorrência, os neoliberais procuram mostrar que a concorrência não é natural, e sim um princípio de formalização com uma lógica interna e uma estrutura própria. Desse modo, o “[...] neoliberalismo não vai, portanto, se situar sob o signo do *laissez-faire*, mas, ao contrário, sob o signo de uma vigilância, de uma atividade, de uma intervenção permanente” (Foucault, 2022, p. 178).

Assim sendo, aos poucos se tem a revisão dos dogmas liberais em todos os países industrializados, nos quais os reformistas sociais vão ganhando espaço e se fortalecendo. Com isso, o liberalismo começa a ser superado porque se mostra incapaz de dar conta da questão prática da intervenção política em termos econômicos e sociais. O neoliberalismo começa a superar o liberalismo a partir do ponto crítico, no qual os “[...] efeitos perversos do primeiro modelo começaram a superar os benefícios produzidos para os detentores do poder econômico” (Casara, 2021, p. 106). Desse modo, enquanto a crise do liberalismo revela uma certa insuficiência no âmbito da governabilidade, a qual traz como marca tanto o fato da impotência do *laissez-faire* no que se referia ao gerenciamento dos negócios governamentais quanto a incapacidade e a artificialidade das leis do mercado, denominadas como “naturais”, que deveriam guiar o governo e garantir uma maior prosperidade, o neoliberalismo surge tendo a missão de proporcionar segurança aos interesses daqueles que detém o poder econômico a todo custo.

Em suma, o paradigma neoliberal passa a rejeitar qualquer tipo de ação que venha entrar o jogo da concorrência entre os interesses privados (Dardot; Laval, 2016), uma vez que na racionalidade neoliberal “a intervenção estatal nunca é direcionada à limitação do poder econômico ou à redução dos danos provocados pelo mercado” (Casara, 2021, p. 108). Contrário a isso, a intervenção que é autorizada pela concepção neoliberal tem direcionamento ao desenvolvimento do mercado e ao favorecimento dos lucros almejados pelos detentores do poder econômico.

Todo esse percurso que apresenta um pouco do processo histórico do neoliberalismo no Brasil e no mundo nos situa no entendimento da racionalidade neoliberal e do mundo do trabalho. Ao observarmos as coleções didáticas de Projeto de Vida, percebemos que a visão neoliberal vem adentrando fortemente o campo da educação, uma vez que a racionalidade neoliberal procura a lógica do mercado nos mais diversos âmbitos da vida social. Além disso, também busca gerenciar o campo das emoções, para assim alcançar mais produtividade e desempenho, essa investida no emocional corresponde ao fato de que há toda uma disseminação da ideia de liberdade, o sujeito neoliberal é “livre” para fazer suas escolhas, logo, somente



ele, é o responsável por eventuais sucessos ou fracassos. “A emoção é celebrada como expressão da subjetividade livre. A técnica neoliberal de poder explora essa subjetividade livre” (Han, 2020, p. 65).

É perceptível que no neoliberalismo a escola é abordada mediante o âmbito do mercado e de suas técnicas de gerenciamento, que enfatizam de forma intensa os princípios da concorrência, assim os conteúdos de ordem política e cidadã vão ficando à margem do currículo. Veiga-Neto (2018) atenta para o fato de que, no campo do trabalho, essa acelerada concorrência promove a formação do precariado, que corresponde a um grande número de trabalhadores que não conseguem ocupar uma vaga no mercado de trabalho e ainda se responsabilizam por isso. Desse modo, Laval (2019) alerta que essa centralidade na razão empresarial influencia na definição dos ensinamentos que devem ser desenvolvidos nos espaços escolares como o alinhamento com as exigências do mercado. Isso se reflete na seleção de conteúdos e estratégias de ensino a serem trabalhadas e, conseqüentemente, são excluídos os conhecimentos considerados inúteis, que são aqueles que não se enquadram no pragmatismo e na imediata aplicabilidade do âmbito da concorrência (Ordine, 2016).

Portanto, salientamos a importância de atentarmos para os objetivos delineados a partir da reforma do NEM, disseminados nas coleções didáticas de projeto de vida e, de forma mais específica, no eixo correspondente ao mundo do trabalho. Isso é necessário para saber e fazer valer a concepção de que uma escola pública de qualidade, em muitas situações, é a única possibilidade acessível para mudar a trajetória de vida de alguns jovens estudantes, os quais podem ter a oportunidade de ascender tanto economicamente, quanto social e culturalmente. E, para isso, não quer dizer que a escola seja vista como redentora, visto que, como ressalta Dayrell (2007, p. 1118), “[...] a escola, por si só, não consegue responder aos desafios da inserção social dos jovens, tendo poder limitado na superação das desigualdades sociais e nos processos de emancipação social”, porém é necessário reconhecer e defender sua efetiva função política e social de ampliar as oportunidades desses sujeitos. A seguir, analisamos as três coleções didáticas de Projeto de Vida selecionadas para este estudo.

## **AS COLEÇÕES DIDÁTICAS DE PROJETO DE VIDA**

Como forma de melhor organizar este tópico, dividimos em três subtópicos, em que cada um refere-se ao estudo de uma das coleções didáticas de Projeto de Vida.

### **A COLEÇÃO *CAMINHAR E CONSTRUIR: PROJETO DE VIDA***

Na coleção *Caminhar e construir: projeto de vida*, entendemos ser relevante destacar a forma como são abordadas as discussões em relação aos tipos de formações profissionais, sobre os quais os estudantes devem pensar mediante suas possíveis escolhas para o mercado de trabalho. Vejamos alguns recortes retirados do percurso de número dez, da seção “Ampliando”, correspondentes a um trecho de uma matéria publicada pela Revista Exame, em maio de 2017. Ao iniciar a leitura do trecho, o título já nos desperta um olhar mais atento no que se refere às suas respectivas intencionalidades, lemos: “Na crise, fazer faculdade

nem sempre é a melhor opção [...]” (Meller; Campos, 2020, p. 168). Tendo em vista a situação na qual o enunciado é exposto, sendo empregado como uma leitura direcionada para jovens estudantes em processo de formação, podemos de antemão afirmar que essa formação enunciativa demonstra um posicionamento um pouco complexo para esse público, que ainda precisa traçar e realizar uma escolha profissional, uma vez que já é antecedida uma afirmativa em relação as possíveis dificuldades que podem advir na realização de um curso de nível superior. Diante disso, é também possível que seja ativada uma falta de estímulo por parte do discente para realizar essa decisão tão importante para seu futuro.

O destaque para o título se dá por observarmos a intencionalidade evidente para a condição de formação de capital humano, que se mostra como uma preocupação central na formação proposta pelo NEM, e que no material didático é posicionado como um princípio norteador para construção dos projetos de vida dos estudantes. Fica em foco desde o título, que o que se objetiva é ter mão de obra a serviço do mercado, não importando se para isso seja necessária uma formação acadêmica ou não. Desse modo, podemos flagrar um discurso em favor da racionalidade neoliberal que coloca o planejamento do futuro profissional como principal tarefa do projeto de vida. Com isso, notamos o funcionamento de relações de poder (Foucault, 2019) que demarcam as expectativas de decisões fundamentais para os sujeitos estudantes.

Dando sequência à análise da materialidade selecionada, observamos como acontece a sua construção textual. No início do texto, destacam-se as vantagens de se ter uma formação universitária e, para isso, são elencados alguns pontos, como ser uma conquista importante na vida e que pode trazer um significativo aumento salarial, no entanto, não são discriminados muitos benefícios. Em seguida, é apresentada a diferença de tempo necessário para a realização dos cursos de nível superior e técnico, sem que existam detalhamento de informações quanto a isso. Prosseguindo, há uma breve discussão a respeito das diferenças de salários ou remunerações existentes entre os profissionais graduados e técnicos, vejamos:

[...] No caso de profissões regulamentadas, o técnico sempre ganhará menos do que o graduado: o enfermeiro tem salário mais alto do que o técnico em enfermagem, por exemplo. Em outras áreas, como tecnologia, essa hierarquia nem sempre é tão rígida. “Assim como no caso do empreendedor, a renda depende mais do perfil da pessoa e da sua capacidade de gerar resultados”, diz a especialista (Meller; Campos, 2020, p. 168).

Examinemos a maneira como são marcadas essas distinções. Quando se fala de profissões regulamentadas, o sujeito enunciativo esclarece que o profissional de nível técnico sempre ganhará menos, porém, em outras áreas como na tecnologia e no empreendedorismo, essa regra não se faz tão rígida. Vemos que o empreendedorismo e a tecnologia se sobressaem nas vantagens, tendo em vista a forma como esses campos de trabalho são discursivizados na matéria. Porém, atentemo-nos para esse enunciado: “Assim como no caso do empreendedor, a renda depende mais do perfil da pessoa e da sua capacidade de gerar resultados, diz a especialista” (Meller; Campos, 2020, p. 168). O detalhe que se faz relevante é que, para se ter uma renda melhor, o esforço maior recai sobre o perfil do sujeito e sua competência na geração

de resultados. Dessa maneira, vemos que um dos preceitos neoliberais fica evidente na ideia de que o sucesso ou o fracasso do indivíduo diz respeito principalmente à sua capacidade de desempenho. Fazem-se presentes, portanto, as técnicas do poder inteligente disseminadas pela retórica neoliberal, como destaca Han (2020, p. 25-26), ao afirmar que hoje “[...] o poder assume cada vez mais uma forma permissiva. Em sua permissividade, ou melhor, em sua afabilidade, o poder põe de lado sua negatividade e se passa por liberdade”.

Notamos que o NEM, por meio desta coleção didática de projeto de vida, busca formar sujeitos trabalhadores flexíveis, que estejam aptos para agir num mercado de trabalho fragilizado, com pouca ou nenhuma seguridade social, no qual os jovens deverão idealizar e construir suas próprias possibilidades de trabalho. Nessa ótica, transparece a ideia de que o discurso guiado pela lógica do empreendedorismo pode transformar o projeto de vida dos estudantes em um plano de negócios. Nesse sentido, o jovem do ensino médio, no âmbito do projeto de vida, passa a ser conduzido de forma a estar preparado para as exigências da sociedade neoliberal em relação ao trabalho, seja por meio de uma formação de nível superior ou técnico, seja pela necessidade de ser flexível e capaz de reconhecer que os vínculos empregatícios não são mais estáveis. Desse modo, o jovem torna-se responsável por seu próprio sucesso profissional, passando a atender as demandas a serem capitalizadas pelo mercado, na intenção de garantir o perfil de trabalhador esperado pelo mundo neoliberal. “Assim, tudo é comparável, mensurável e está sujeito à lógica do mercado” (Han, 2020, p. 45). Em suma, vemos que o ambiente escolar proposto pelo NEM, além de direcionar a formação de capital humano Foucault (2022), também forma um grupo de futuros desempregados que não alcançarão uma vaga de emprego num mercado de trabalho fragilizado e excludente.

Quando se enfatizam os fundamentos do empreendedorismo na construção do projeto de vida, emerge a concepção de que o NEM se traduz numa etapa educacional direcionada à formação de capital humano flexível (Meira; Giaretta, 2020), por meio da qual o sujeito estudante e futuro profissional se responsabiliza em desenvolver competências que garantam seu sucesso e seu lugar ao sol na sociedade neoliberal (Acheterberg; Terrazzan, 2023). Ou seja, “[...] empreendedorismo, competências (cognitivas e socioemocionais), criatividade e habilidades técnicas são as novas competências vendidas como capazes de promover a inserção dos indivíduos no mercado profissional” (Manfré, 2023, p. 11614). Podemos compreender que estamos diante de um cenário de atualização da formação de capital humano, atravessado pela forte presença da precarização, que norteia o horizonte das ações, por meio do qual se formam não apenas trabalhadores, mas também o desenvolvimento de empresários de si. Posto isso, entende-se que o almejado é a preparação para se construir uma nova subjetividade. Como evidenciam Dardot e Laval (2016),

O que está em jogo nesses exemplos é a construção de uma nova subjetividade, o que chamamos de ‘subjetivação contábil e financeira’, que nada mais é do que a forma mais bem-acabada de subjetivação capitalista. Trata-se na verdade, de produzir uma relação do sujeito com ele mesmo como um ‘capital humano’ que deve crescer indefinidamente, isto é, um valor que deve valorizar-se cada vez mais (Dardot; Laval, 2016, p. 31).

Ainda seguindo com a leitura do trecho da matéria, após o livro didático destacar as diferenças salariais e possíveis oportunidades no mercado de trabalho para os profissionais graduados e técnicos, o texto vai finalizar com uma discussão sobre o fato de que num contexto de crise é preciso que a decisão quanto à formação superior ou técnica seja pensada com cautela. Para conferir autoridade a esse fato, a posição que enuncia reporta-se à opinião de uma especialista no tema:

[...] Com a crise, porém, as cartas ficam embaralhadas. Na visão de [Ana Luiza] Kuller [coordenadora de educação do Senac-SP], a decisão entre um diploma superior ou técnico deve ser tomada com base em múltiplos fatores, como perfil, momento de carreira e projeto de vida. “O técnico é interessante para quem precisa entrar logo no mercado de trabalho, mas também para quem quer mudar de carreira, porque permite uma experimentação”, explica (Meller; Campos, 2020, p. 168).

Notamos aqui uma singular prioridade de escolha profissional diante de um quadro de crise, propícia às profissões de nível técnico, como alerta Casara (2021, p. 166), ao afirmar que a “[...] racionalidade neoliberal, portanto, se fortalece nos períodos de crise”. Como um sistema inteligente, a dimensão ideológica do neoliberalismo faz com que os desajustes gerados pelo capitalismo financeiro não se tornem visíveis para a população, pelo contrário, sejam renovados com significações diferentes. “A própria exploração do trabalho aparece travestida de empreendedorismo ou de modernização das relações de trabalho” (Casara, 2021, p. 167). Com isso, vemos que a dispersão desse discurso no âmbito do componente Projeto de Vida envolve enunciados atravessados pela esfera das políticas curriculares e de métodos pedagógicos que se articulam com uma poderosa rede discursiva que alcança a subjetividade dos sujeitos estudantes nos diversos domínios de práticas sociais, priorizando o mundo do trabalho. Nessa medida, são reforçados os ditames neoliberais como o individualismo, a flexibilidade, a autogestão, a competitividade e o desempenho, os quais se caracterizam como aspectos fundamentais para o ambiente de instabilidade e precarização que se instala no mundo capitalista.

Nessa conjuntura, o projeto de vida passa a funcionar como um dispositivo de saber-poder (Foucault, 2012), operando através da dispersão de discursos utilitaristas que se valem das técnicas de si nas práticas escolares com propósitos atrelados à subjetivação de preceitos e condutas neoliberais. Isso porque há uma certa ênfase na defesa pela escolha dos cursos técnicos por meio da voz que enuncia na matéria, sobretudo quando destaca que “[...] enxergar o curso técnico como trampolim pode dar muito certo: é uma porta de entrada mais rápida para a nova profissão e pode até ajudar a financiar a continuidade dos estudos numa universidade” (Meller; Campos, 2020, p. 168).

Tendo em vista que os regimes de verdade nos dias atuais partem de saberes científicos, cujas bases abarcam critérios de objetividade, imparcialidade e rigor metodológico, vale destacar que os postulados defendidos pelas vozes de especialistas reportadas na matéria em análise garantem maior aceitação do público almejado, visto que, para uma melhor persuasão sobre uma determinada temática, é imperioso recorrer a um argumento de autoridade. Por conseguinte, esse processo de aceitação e rejeição dos discursos retoma o que Foucault (2012; 2014) assinalou como ordem do discurso, de modo que a

produção discursiva de especialistas na área educacional presente na matéria parte de saberes aceitos e tidos como verdadeiros.

Continuamos analisando mais algumas atividades presentes na coleção em foco e no percurso de número onze, que trata das transformações do trabalho, a seção “Primeiras Impressões” abre o capítulo com um texto intitulado de “O mundo em que vivemos hoje exige, cada vez mais que sejamos criativos e imaginativos”, seguido de algumas questões propostas como exercícios a serem resolvidos. No referido texto, não fica explícito o nome do autor, nem muito a fonte de onde foi retirado, portanto, ficamos sem saber a autoria dessa produção, podemos deduzir que possa ser dos próprios autores da coleção didática em análise. O texto discute a importância de critérios como o modo imaginativo e criativo no mundo atual, um recorte textual nos chama atenção quando a posição de sujeito que enuncia sinaliza que: “Atualmente, cada vez mais é importante saber atuar de modo criativo e imaginativo no mundo. A todo momento, somos estimulados a fazer algo diferente, a descobrir ou inventar oportunidades, em especial no mundo do trabalho” (Meller; Campos, 2020, p. 175).

Neste excerto, flagra-se a emergência de um determinado posicionamento discursivo que declara que para se manter atuando no mundo e no trabalho é preciso que o sujeito se reinvente sempre, buscando ser criativo, explorar a imaginação e descobrir ou criar situações que favoreçam à sua permanência no mercado de trabalho. Diante de um cenário neoliberal, no qual todas as mudanças seriam necessárias e inadiáveis pelo fato de se propagar que este seria o único caminho possível para os que buscam a sensação de sucesso - na intenção de se tornarem vencedores neste ambiente que se forma por uma concorrência exacerbada -, é que se justificam os sacrifícios necessários por parte dos trabalhadores.

Nessa lógica, fortalecem-se questões como a flexibilização dos direitos trabalhistas, salários reduzidos, desemprego e precarização, entre outras situações que devem ser compreendidas pelos trabalhadores como normais, pois tudo depende de seu esforço, desempenho, capacidade de inovar e de sua resiliência. Há uma forte pressão sobre o sujeito trabalhador hoje, uma cobrança que o leva a acreditar que toda responsabilidade de se dá bem é exclusivamente sua, nessas circunstâncias, muitas vezes, se forma uma extensa massa de trabalhadores insatisfeitos e adoecidos. “As mudanças ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas resultaram na constituição de um exército de trabalhadores mutilados, lesionados, adoecidos física e mentalmente, muitos deles incapacitados de forma definitiva para o trabalho” (Antunes, 2015, p. 155). Desse modo, presenciamos que, por meio das discursividades presentes nesse texto em análise, há o fortalecimento dos princípios neoliberais, pois, a partir da presente materialidade, vemos sobressair-se discursos que incentivam os grandes sacrifícios disseminados pela lógica neoliberal, para que, assim, prevaleça o progresso e o desenvolvimento da sociedade e, dessa forma, os sujeitos trabalhadores realizem suas conquistas.

Nessa perspectiva, compreendemos que o sujeito na racionalidade neoliberal toma por sua responsabilidade assumir seu êxito ou fracasso, ao invés de questionar as condições precárias impostas pelo sistema capitalista. É necessário, portanto, nos atentarmos para essa condição, a qual é introjetada

por meio de dispositivos educacionais, para que não se estabeleça uma formação de profissionais precarizados materializada no perfil desse sujeito estudante do NEM, atravessada pela racionalidade neoliberal. Assim, devemos compreender a situação particular de cada estudante, entendendo que nem todos podem ter as mesmas oportunidades. Conforme Veiga-Neto (2018, p. 43), “[...] o mundo é igual para todos e nem todos têm acesso igual ao mundo”. Diante disso, sabemos que esse diferencial “[...] funciona como um poderoso combustível a alimentar a racionalidade neoliberal, pois numa lógica radicalmente competitiva não pode haver igualdade entre todos os jogadores” (Veiga-Neto, 2018, p. 43).

Destarte, a coleção em foco se ampara num domínio associado, em documentos como a BNCC, e a partir disso são construídos posicionamentos discursivos que se conectam com a ordem neoliberal, dado que são preconizadas constituições de subjetividades alinhadas ao esperado por essa racionalidade, como: sujeitos flexíveis, resilientes, proativos e conhecedores de si. Em vista disso, corroboramos com a concepção de Laval (2019, p. 72) quando afirma que “o sentido que as esferas dirigentes propõem é nitidamente utilitarista”.

### **A COLEÇÃO JOVEM PROTAGONISTA: PROJETO DE VIDA**

Nesse livro didático, selecionamos como primeira materialidade alguns enunciados presentes no capítulo oito, denominado “O mundo do trabalho bate à minha porta”. É importante ressaltar que o capítulo discute as transformações ocorridas no mundo do trabalho. No box “Outras vozes”, há um texto que discorre sobre a chamada Quarta Revolução Industrial de autoria do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e apresenta algumas informações acerca das competências e habilidades necessárias para sobreviver no mercado de trabalho em nossos dias.

Na referida materialidade, averiguamos que, a seu modo, as discussões presentes alertam para as possíveis mudanças que podem surgir no mundo do trabalho se de fato ocorrer a quarta revolução industrial. No decorrer do texto, são enfatizadas algumas evoluções tecnológicas já existentes no âmbito do trabalho, como o fato de que muitos serviços podem vir a ser substituídos por robôs. Diante das reflexões apontadas, o sujeito enunciativo, em tom amedrontador, alerta que mediante as prováveis transformações que virão só sobreviverão no mercado de trabalho àqueles que melhor se adaptarem à essa nova era. “Obviamente, o processo de transformação só beneficiará quem for capaz de inovar e se adaptar” (Medina; Wasserman, 2020, p. 88). Vemos, pois, que o discurso manifesto nesta coleção [didática revela](#) o que estamos discutindo aqui: o fato de notarmos em mais uma situação comunicacional da referida obra, a racionalidade neoliberal materializada na celebração do adaptável e no infinito ciclo de inovação, para assim o sujeito estar sempre prestes a atender às exigências do mercado.

Em decorrência disso, a posição a enunciar no texto elucida as qualidades dos que almejam a sobrevivência no atual mundo do trabalho e sinaliza citando Darwin “que não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças” (Medina; Wasserman, 2020, p. 88). Observamos, portanto, que a forma como essas ideias são discursivizadas tem por base o dizer de sujeitos

autorizados a falar (Foucault, 2012), como uma renomada autoridade que discute a questão das transformações e evolução, a qual transmite confiabilidade para que a temática em foco seja respaldada. Assim, esses fragmentos funcionam como modalidades enunciativas (Foucault, 2012) que se destinam a promover uma determinada verdade na constituição desta materialidade, exibida nesta coleção didática. De modo consequente, as respectivas modalidades enunciativas (Foucault, 2012) e suas referidas vontades de verdade atuam no funcionamento de estratégias de saber-poder e de governamentalidade, por meio do componente Projeto de Vida. Dessa forma, há uma robusta intervenção na construção da subjetividade do discente, especialmente porque mais uma vez é enfatizada a concepção de que o sujeito é quem deve se responsabilizar por seu “lugar ao sol” no concorrente e instável universo capitalista.

Isso posto, nessa nova reconfiguração curricular do NEM, o foco do processo pedagógico se dá principalmente no desempenho do sujeito discente e não exatamente na mediação de conhecimentos. Nessa lógica, percebe-se que cada vez mais há um enorme esforço nas estratégias pedagógicas de tornar as experiências formativas mais personalizadas, de maneira a individualizar os resultados do processo avaliativo. Assim, fortalece-se a ideia de que o compromisso do sujeito se liga principalmente ao seu desempenho e performance. Desse modo, se houver sucesso em seu desempenho é porque ele se esforçou suficientemente para isso, em caso contrário, é porque não houve a dedicação necessária e por isso precisa competir, principalmente consigo mesmo, para assim obter melhores resultados. “O sujeito do regime neoliberal perece com o imperativo da otimização de si, ou seja, ele morre de obrigação de produzir cada vez mais desempenho” (Han, 2020, p. 48). É nesse entendimento que vai se engendrando um processo de normalização de desigualdades e se estabelecendo a ideia de que o sucesso ou fracasso tanto no âmbito escolar quanto profissional correspondem a resultados meritocráticos, isto é, que se fundamentam apenas em critérios relacionados ao esforço particular de cada sujeito.

Por essa ótica, a concepção de que é preciso aprender ao longo da vida se difunde como uma estratégia biopolítica de gestão da população (Resende, 2018), que visa a fortalecer as competências e a flexibilidade dos sujeitos num quadro de instabilidade política e econômica. Consequentemente, aqueles que não se adaptam ou evoluem se tornam insignificantes. O sujeito a ser formado se constrói num ambiente permeado por uma nova racionalidade de governo que prioriza a competitividade, o desempenho, e a flexibilidade como princípios. Portanto, não é por acaso que ele deve repensar sua realidade numa perspectiva individual, sem consciência da ideia de classe ou coletividade. Pois, a todo instante é conduzido a projetar escolhas relacionadas a seu presente e futuro, tendo que se responsabilizar pelos seus resultados, vivendo numa constante cobrança de demonstrar competência, uma vez que uma nova racionalidade vai se instalando na sociedade e muitos dos preceitos neoliberais vão sendo compreendidos como verdades imutáveis. Como destaca Casara (2021, p. 296): “As coisas ‘são como são’ e permaneceriam assim, independentemente da imaginação das pessoas. Aliás o comando neoliberal é no sentido de não imaginar um outro mundo possível”.

Tendo em vista a forma como se apresenta esta materialidade, podemos afirmar que se o objetivo da coleção é buscar formar cidadãos mais atentos e críticos quanto à realidade do mundo do trabalho, na qual estão inseridos, poderia ter proposto algum exercício que direcionasse a isso. Como também, deveria sugerir alguma atividade que despertasse a reflexão sobre esse quadro de incertezas que se estabelece no mundo contemporâneo, em que o sujeito estudante pudesse questionar o porquê dessa situação ser tida como imutável. Porém, o que vemos como proposta de atividades é apenas uma pergunta, por meio da qual o discente deve explicar seu entendimento em relação à Quarta Revolução Industrial e ao desaparecimento de vagas de emprego: “como você entende a relação entre a Quarta Revolução Industrial e o desaparecimento de vagas de emprego?” (Medina; Wasserman, 2020, p. 88). Em seguida, há uma outra questão, na qual o estudante é interrogado se é capaz de ver alguma relação entre o caminho profissional que deseja seguir e a Quarta Revolução Industrial, “você vê alguma relação entre o caminho profissional que pretende seguir e a Quarta Revolução Industrial?” (Medina; Wasserman, 2020, p. 88). É pertinente notar que na segunda questão vemos uma certa indução para o discente pensar sobre como vai se manter no mundo do trabalho contemporâneo. De forma mais indiscreta, notamos um certo direcionamento para que o jovem se responsabilize por seu sucesso ou fracasso, que encontre soluções para se manter numa realidade de instabilidade. Desse modo, observamos que o sujeito neoliberal é sempre “livre” para pensar, para encontrar soluções, para ter sucesso ou não, liberdade esta problematizada por Han (2020) ao afirmar que “muito mais eficiente é a técnica de poder que faz com que as pessoas se submetam ao contexto de dominação por si mesmas” (Han, 2020, p. 26).

Perante isso, a escola vai tendo por base estimular as competências fundamentais para formação do trabalhador, atendendo às demandas que favorecem aos interesses de formação de capital humano flexível. Nesse sentido, também se expande a ideia de uma formação escolar fundamentada na visão de aprendizado ao longo da vida, que segue a orientação de se construir uma cultura com foco na vida profissional, associando formação à produção. “Hoje, o centro de gravidade da doutrina dominante na educação se encontra nas teorias do capital humano” (Laval, 2019, p. 51). Por essa razão, a própria percepção de saber também se reconfigura, pois passa a representar o conhecimento de forma útil e prática, assim como se concebe a abordagem do ensino por competências. Isso se traduz numa “[...] tendência muito real do capitalismo contemporâneo de mobilizar saberes em número cada vez maior, sob o duplo aspecto de fator de produção e mercadoria” (Laval, 2019, p. 51).

Notamos que por meio do eixo trabalho nesta coleção analisada, há reflexos neoliberais, visto que em vários enunciados aqui discutidos vemos transparecer marcas de preceitos neoliberais, com destaque principalmente para a lógica da concorrência.

### **A COLEÇÃO PROJETO DE VIDA: VIVÊNCIAS E POSSIBILIDADES**

Desta coleção, selecionamos como primeira materialidade o texto que introduz o capítulo sete do módulo três, intitulado de “Caminhos para a realização”, o qual apresenta algumas orientações que visam



nortear o estudante em suas decisões profissionais. O objeto de averiguação não apresenta uma outra fonte de publicação e não sabemos ao certo se sua construção corresponde a autores da coleção ou se tem outra autoria. O texto inicia-se a partir de alguns questionamentos sobre o momento de viver a experiência com o mundo do trabalho, e qual a “bagagem” necessária para este fim. Quanto a isso, são destacados alguns importantes elementos, como os conhecimentos com a leitura, a escrita, os cálculos, mas também se somam a esses pontos as aprendizagens da vida. É ainda mencionado que a partir do domínio dessas competências, habilidades e valores é possível que os jovens estudantes possam garantir um futuro mais promissor.

Na sequência, mais especificamente no segundo parágrafo, o enunciador alerta que o estudante que já trabalha, ou apenas estuda, deve atentar para fazer suas escolhas e, com isso, alcançar os objetivos almejados. Nisso, vemos que “é importante está bem informado para fazer suas escolhas para chegar ‘lá’. E o que significa ‘lá’? Seria um lugar que você escolheu? Só você sabe ao certo, porque é o seu lugar” (Condeixa; Oliveira; Oliveira; Condexa, 2020, p. 165). É notório que nesse excerto há uma ênfase sobre a tônica individualista e a ideia de autogestão, em que se nota que o percurso para o mundo do trabalho fica na responsabilização dos jovens (Silva, 2019), prevalecendo estratégias ancoradas na visão neoliberal. Mesmo sabendo que, na prática, as escolhas a serem realizadas no trabalho e na vida são realmente de responsabilidade do indivíduo, o que muda no cenário neoliberal é que esse processo é discursivizado de forma a entender que toda a responsabilidade é somente do estudante, e outros aspectos como condições financeiras, sociais, políticas, familiares, entre outras, não são trazidas à tona para possíveis ponderações. Assim, “por isso autodisciplina e autoaprendizagem andam de mãos dadas” (Laval, 2019. p. 40). Ainda sobre esse aspecto, recorreremos a Peixoto (2022, p. 109), quando pondera que, na lógica neoliberal, o tipo de indivíduo desejado é aquele “[...] engajado em sua empregabilidade, fiscalizador de suas próprias metas, apto a cobrar de si mesmo sempre melhores resultados, sempre mais qualificação, sem a presença do patrão ou chefia imediata”.

O problema dessa questão é que esse percurso vem acontecendo cada vez mais cedo, sem que o estudante receba o amparo necessário, uma vez que seria fundamental que os sujeitos pudessem experimentar diferentes experiências para fortalecer o embasamento de suas escolhas. No entanto, no universo neoliberal, faz-se presente o sentimento de urgência e o anseio pela produtividade, que precocemente impulsiona o jovem a tomar importantes decisões. Dessa maneira, os projetos para esse público jovem são atravessados pela descontinuidade, realçando a constante sensação de possibilidade de escolha. Nessas circunstâncias, podem prevalecer marcas de desigualdade, pois enquanto se tem estudantes com capacidade de estimular a criatividade e conhecimentos na busca pela realização de seus objetivos, e que recebem o apoio necessário de fatores extraescolares, há outros que se encontram desorientados diante de um mundo de incertezas. Esses últimos veem a precariedade e a instabilidade permearem sua realidade, e seus percursos de vida se orientam não exatamente por projetos, sendo submetidos às condições sociais em que vivem. Como menciona Lopéz (2021, p. 198): “Torna-se cada dia

mais difícil encontrar um lugar em que critérios empresariais não cheguem. E, se como dissemos antes, a economia é também o lugar da desigualdade, é cada vez mais difícil encontrar pequenos refúgios de igualdade”.

Seguindo com a observação, outro excerto nos instiga, quando a voz que enuncia aponta as possíveis opções que o estudante pode realizar na vida profissional: “Você pode optar por ingressar no mercado de trabalho privado, ou na área pública, ou ainda utilizar sua criatividade e investir suas finanças para fundar uma empresa” (Condeixa; Oliveira; Oliveira; Condeixa, 2020, p. 165). Diante disso, o discurso que circula no texto aparenta ampliar o escopo das juventudes, ao passo que evidencia diferentes cenários nos quais os jovens teriam a possibilidade de ocupar uma vaga de trabalho. Todavia, essa abordagem se torna problemática quando a coleção omite os entraves que existem nas citadas alternativas, pois não realçam questões como: o passo a passo para ingressar na carreira pública por meio de concursos ou contratos temporários, não detalham fatores preponderantes para a ocupação de uma vaga numa empresa, nem muito menos se aprofunda uma discussão em relação à fundação de uma empresa. As questões são expostas de forma que ocultam informações fundamentais para a concretização dos objetivos idealizados, assim, concordamos com Laval (2019) quando assevera que “o amplo ‘cardápio’ oferecido aos estudantes e o hábito do ‘controle contínuo’ são pensados como uma propedêutica para a gestão de ‘cenários de incertezas’ que o jovem trabalhador vai encontrar ao concluir os estudos” (Laval, 2019, p. 41).

Além da lacuna deixada pela ausência de questionamentos relevantes, o discurso se faz ainda mais complexo quando é complementado por esta afirmativa: “seja qual for a decisão, é preciso empenhar-se em seu plano para o futuro” (Condeixa; Oliveira; Oliveira; Condeixa, 2020, p. 165). Fica evidente nesse enunciado que o discente, independentemente da opção que faça e que tenha ou não as condições necessárias para realizá-la, é ele quem se responsabiliza por seu sucesso, mais uma vez se sobressaem os mantras do regime neoliberal que priorizam o ideal de autogestão e empresariamento de si (Daniel; Silva, 2023). Essa ênfase, sob nosso enfoque, não se dá de forma fortuita, senão se articula com o que Foucault (2012) compreende como sendo o referencial do enunciado, isto é, as leis de possibilidade que se responsabilizam pela aparição deste enunciado neste momento e lugar.

No terceiro parágrafo do texto, vemos que os estudantes são orientados a realizarem suas escolhas profissionais “sem deixar de perceber que elas são condicionadas socialmente, não apenas por características familiares, mas também pelo lugar de origem e pelas políticas públicas do país” (Condeixa; Oliveira; Oliveira; Condeixa, 2020, p. 165). Interessante que anteriormente o enunciador apresentava um mundo de oportunidades aos jovens estudantes, no decorrer da discussão se ressalta que para escolher é preciso entender que são condicionados socialmente e até politicamente. Daí identificamos uma estreita vinculação do discurso sobre o trabalho com as propensões neoliberais, na medida em que os jovens são levados a acreditarem que suas carreiras dependem de questões políticas e sociais vigentes no país. Isso, de certa forma, tem fundamento, porém não se discute em momento algum a realidade exata do mundo do trabalho atual, seus dilemas, obstáculos e etc. Dessa forma, Foucault (2006) nos lembra que não é

necessário somente afirmar que a capilaridade das práticas de poder e os regimes de discursividades alicerçam o controle sobre os sujeitos, é indispensável destacar que ligada a esse processo está a governamentalização das condutas, que se encarrega por indicar os modos pelos quais nos reconhecemos enquanto sujeitos.

É válido atentar para o fato de que a capacidade de realização individual se vincula às condições sociais e culturais do indivíduo, em que as identidades juvenis são marcadas, como por exemplo: a classe social, o gênero, entre outros fatores. Isso reafirma a concepção de que a ideia de projetar a própria vida nem sempre se associa a estar diante de um mar de possibilidades, visto que, muitas vezes, o sujeito pode estar envolto por desafios no presente que dificultam sua capacidade de definir metas a longo prazo. É fundamental dispor de atenção para esse aspecto, uma vez que o discurso e as práticas que circundam o projeto de vida podem, se mal orientadas, levar muitos jovens a se perderem nesse processo, podendo ficar suscetíveis a idealizarem metas inviáveis a curto prazo. Desse modo, caso não atinjam os propósitos delineados, correm o risco de se sentirem frustrados em decorrência da sensação de fracasso adquirida com a não realização das metas, acarretando, portanto, um ponto crucial capaz de propiciar a desistência de alguns estudantes com relação aos seus projetos de vida.

Partindo da teorização foucaultiana, é possível compreendermos o projeto de vida como uma prática discursiva que produz sujeitos, tensionado por diversos enunciados e relações de poder. Assim sendo, as coleções didáticas de projeto de vida operam por meio de uma determinada percepção de saberes, princípios, valores e formas de conduta, que favorecem os sistemas governamentais da sociedade atual. Por meio desses desdobramentos, mentalidades e comportamentos almejados são produzidos em consonância a certas racionalidades. Portanto, compreendemos que a governamentalidade neoliberal não tem adentrado por acaso nos espaços escolares, “[...] induzindo os indivíduos a modificarem a percepção que têm de suas escolhas e atitudes referentes às suas próprias vidas e as de seus pares, de modo a que cada vez mais estabeleçam entre si relações de concorrência” (Gadelha, 2016, p. 151). Nessa lógica, o NEM, por meio do projeto de vida, acentua o perfil da escola contemporânea, a qual vem incorporando discursos de outros campos de conhecimento para alicerçar suas práticas e ser anunciada como inovadora, diante de um mundo movido pelo capitalismo exacerbado.

## CONCLUSÕES

Neste artigo, buscamos responder ao seguinte questionamento: como os discursos sobre o trabalho presentes em livros didáticos de projeto de vida se articulam com a racionalidade neoliberal, tendo em vista a conjuntura da reforma do NEM? Para tanto, buscamos investigar como os discursos sobre o trabalho presentes em tais materiais didáticos articulam-se com a racionalidade neoliberal, a qual permeia todo o processo de reconfiguração curricular pelo qual passou o ensino médio brasileiro nos últimos anos, notadamente no que se refere ao NEM e à BNCC.

Partimos do princípio de que esses materiais pedagógicos tratam de uma dimensão central na construção das subjetividades juvenis e que as pretensões reformistas do NEM se encontram em estreita aproximação com outros cenários de mudança de matriz neoliberal, a destacar a Reforma Trabalhista. Entendemos, por essa discussão, que a reforma em consonância com o Projeto de Vida funciona a partir da emergência de discursos que atendem às perspectivas do mercado, contribuindo para uma formação fundamentada em fatores como: concorrência, produtividade, eficiência, empreendedorismo, competência, autonomia, entre outros pontos que de certa forma circundam a lógica neoliberal.

O exame dos livros didáticos nos oportunizou constatar que as coleções didáticas de Projeto de Vida fazem circular determinados discursos sobre o mundo do trabalho que se conectam de modo indistintível com o neoliberalismo, principalmente em decorrência das seguintes regularidades: a) há a observação da instabilidade presente no mundo do trabalho e suas constantes mudanças e, por isso, é justificado o fato de o sujeito precisar construir o seu projeto de vida correlacionado com tal fugacidade do mercado; b) constatamos também que é exibida uma urgente necessidade em motivar a preparação de sujeitos com habilidades e competências a serem desenvolvidas de modo ininterrupto, e que por meio da autogestão se sintam como se estivessem sempre numa contínua competição; c) institui-se uma responsabilização por parte do sujeito trabalhador no que corresponde ao seu sucesso ou não no mercado de trabalho; d) ainda se constata que a postura empreendedora é representada como uma tendência a ser seguida, visto que demanda uma conduta proativa, corajosa e inovadora, sem que suas fragilidades e dificuldades sejam questionadas, pois se demonstra apenas o lado positivo do empreendedorismo.

Destacamos, por último, que toda essa discussão a respeito da reforma do NEM, no momento de conclusão deste escrito, ainda se encontra em tramitação para decisões mais definitivas. Por esse motivo, cabe-nos ressaltar que, apesar do discurso neoliberal tensionar o ambiente escolar, não podemos nos limitar em somente analisar os fenômenos educacionais e pedagógicos de maneira unilateral, nem supor que todas as ações que permeiam a educação estejam inscritas exclusivamente nos enunciados e práticas que são forjados por essa racionalidade. É fundamental atentarmos para as formas de resistência e de enfrentamentos contra as influências da sociedade de mercado que se corporificam no cotidiano da escola, uma vez que concebemos esse espaço como uma instituição social complexa que pode ser influenciada por discursos distintos. Compreendemos também que cabe ao professor munir-se de uma perspectiva crítica que vise problematizar o efeito de consenso que ressoa desses materiais didáticos.

## REFERÊNCIAS

ACHETERBERG, Guilherme Baumann; TERRAZZAN, Eduardo Adolfo. Empreender, decidir o futuro e navegar em mares incertos: o mundo do trabalho em livros didáticos de projeto de vida. *Exitus*, Santarém, v. 13, p. 01-25, 2023. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/2224/1430>. Acesso em: 07 dez. 2023.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2015.

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. **Educação e gestão neoliberal**: a escola cooperativa de Maringá – uma experiência de Charter School? Maringá: EDUEM, 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. Medida Provisória Nº 746, de 22 de setembro de 2016a. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 23 set. 2016.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho -CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 fev. 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm). Acesso em: 14 abr. 2022.

BRASIL. **Guia de implementação do novo ensino médio**. Brasília: Consed, 2019a.

BRASIL. **Edital de convocação nº 03/2019** [convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas, literárias e recursos digitais para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD 2021]. Brasil: Secretaria da Educação Básica, 2019b. Disponível em: [https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/consultas-editais/editais/edital-pnld-2021/EDITAL\\_PNLD\\_2021\\_CONSOLIDADO\\_13\\_RETIFICACAO\\_07.04.2021.pdf](https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/consultas-editais/editais/edital-pnld-2021/EDITAL_PNLD_2021_CONSOLIDADO_13_RETIFICACAO_07.04.2021.pdf). Acesso em: 20 abr. 2022.

BRASIL. **Guia Digital do PNLD 2021** – Projeto de vida. 2021. Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2021\\_proj\\_int\\_vida/componente-curricular/pnld2021-didatico-projeto-de-vida](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2021_proj_int_vida/componente-curricular/pnld2021-didatico-projeto-de-vida). Acesso em: 30 set. 2021.

CASARA, Rubens. **Contra a miséria neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

CÁSSIO, Fernando; GOULART, Débora Cristina. Itinerários formativos e ‘liberdade de escola’: Novo Ensino Médio em São Paulo. **Retratos da escola**, Brasília, v. 16, n. 35, p. 509-534, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1516/1119>. Acesso em: 20 maio 2023.

CASTRO, Fernando Gastal de; FERREIRA, João Batista (orgs.). **Neoliberalismo, trabalho e precariedade subjetiva**. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.

CONDEIXA, Denise Guedes; OLIVEIRA, Caio Condeixa Xavier de; OLIVEIRA, Rui Condeixa Xavier de; CONDEIXA, Maria Cecília Guedes. **Projeto de Vida**: vivências e possibilidades. São Paulo: Joaninha, 2020.

DANIEL, Maira Graciela; SILVA, Roberto Rafael Dias da. Educação, capitalismo financeirizado e rentabilização do eu: rastros para um diagnóstico da escola neoliberal. In: WANDERER, Fernanda; MELO, Camila Alves de; ALFARO, Ana María Bermudéz (orgs.). **Rastros do neoliberalismo no campo da educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. p. 19-37.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexão em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Foureuse Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012.
- FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France: (1978-1979)**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. 1.ed. Belo Horizonte: Editora Âyiné. 2020.
- LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- LOPÉZ, Maximiliano. Gratuidade e promoção. In: LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen Christiane; CUBAS, Caroline Jaques (orgs). **Elogio do professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 189-200.
- PEIXOTO, Jorge Antonio Tavares. Neoliberalismo e mito da empregabilidade: a construção e a manutenção de sujeitos culpabilizados, infantilizados e segregados. In: CASTRO, Fernanda Gastal de; FERREIRA, João Batista (orgs.). **Neoliberalismo, trabalho e precariedade subjetiva**. Porto Alegre: Fi, 2022. p. 107-129.
- MACEDO, Elizabeth Fernandes; SILVA, Marlon Silveira da. A promessa neoliberal-conservadora nas políticas curriculares para o Ensino Médio: felicidade como projeto de vida. **Educação Especial**, Porto Alegre, v. 35, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71377>. Acesso em: 05 jan. 2023.
- MANFRÉ, Ademir Henrique. Empreendendo desde a infância: formas de governar a vida? **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. e11614, 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/11614>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- MEDINA, Gabriel; WASSERMAN, Maria Clara. **Jovem protagonista: projeto de vida**. São Paulo: Edições SM, 2020.
- MEIRA, Wesley da Silva; GIARETA, Paulo Fioravante. A medição capitalista sobre o trabalho e as implicações para a educação: implicações teóricas. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 17, p. 108-118, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3489/3015>. Acesso em: 01 dez. 2023.
- MELLER, André; CAMPOS, Eduardo. **Caminhar e construir: projeto de vida**. São Paulo: Saraiva, 2020.
- ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil: um manifesto**. Trad. Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

QUEIROZ, Lavínia Maria Silva; AZEVEDO, Alessandro Augusto de. Parcerias público-privadas: ressignificações docentes em uma escola no Rio Grande do Norte. **Retratos da escola**, Brasília, v. 16, n. 35, p. 295-313, 2022. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1491/1109>. Acesso em: 10 jan. 2023.

RESENDE, Haroldo de. A educação por toda a vida como estratégia de biorregulação neoliberal. *In*: RESENDE, Haroldo de (org). **Michel Foucault: a arte neoliberal de governar a educação**. São Paulo: Intermeios, 2018. p. 77-94.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. Trabalho, educação e juventudes: diálogos com o pensamento social de Christian Laval e Pierre Dardot. **Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 17, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/Djs9qcrZ6GxwzY99FH7Pstj/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

VEIGA-NETO, Alfredo. Neoliberalismo e educação: a formação do precariado. *In*: RESENDE, Haroldo de (org). **Michel Foucault: a arte neoliberal de governar a educação**. São Paulo: Intermeios, 2018. p. 33-44.

VENCO, Selma. Tristes trópicos: a cultura empresarial aplicada à educação pública. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 37, n. 79, p. 39-68, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/65554/36530>. Acesso em: 01 dez. 2023.

**Submetido:** 10/12/2023

**Correções:** 18/03/2024

**Aceite Final:** 22/03/2024